PORTIFÓLIO

Vidal de Sousa

instagram.com/vidal_de_sousa/
adeiltonvidal@gmail.com
(081) 9 95913347

CÂMBIO_2014

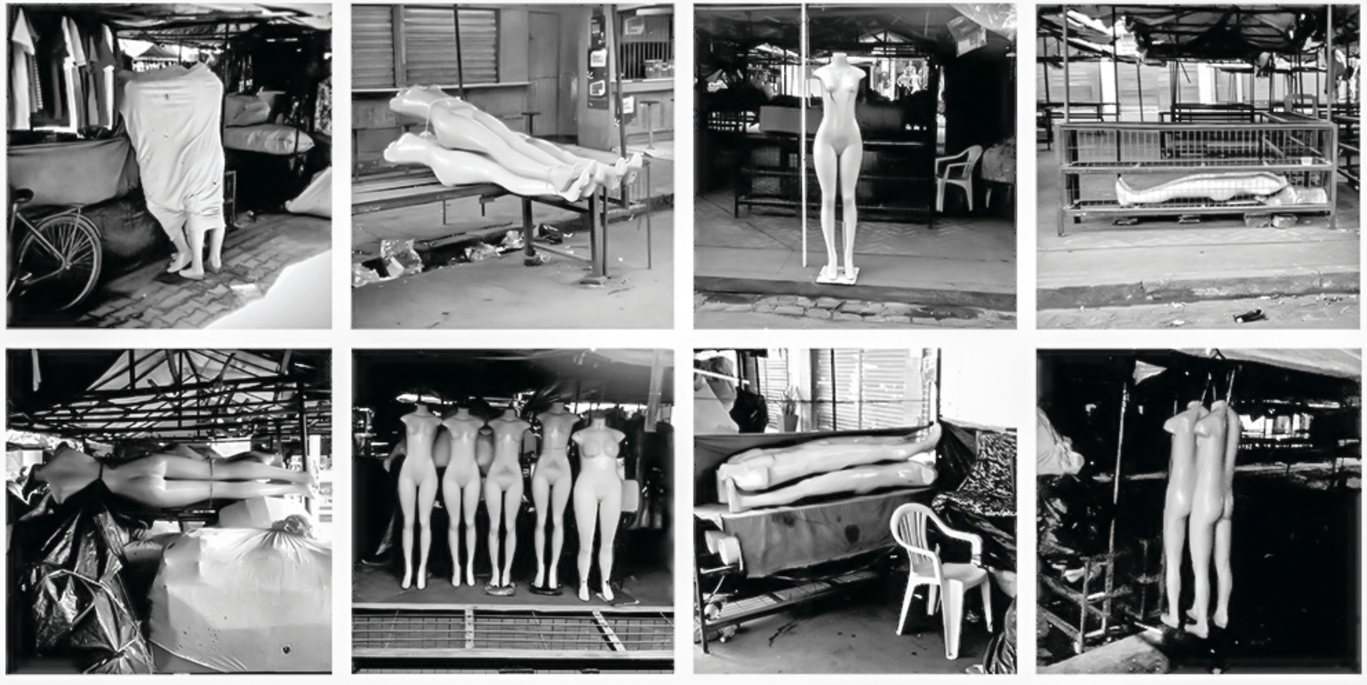
CÂMBIO

A inquietação que une essas fotografias gira em torno de objetos extremamente estéticos, produzidos pelo ser humano com o objetivo de comunicação. Algumas vezes assume característica de delimitação de território, outras vezes como lembrete de sua existência.

Essa provocação imagética margeia o impreciso campo entre arte e não-arte na realidade. Pois esses objetos só são denominados arte a partir da representação fotográfica, a partir de uma intencionalidade artística e não do objeto em si.

Na imagem os objetos são símbolos, continuam a transmitir mensagem, no entanto, perde esse caráter territorial e desliza para uma campo difuso. Esses símbolos comunicam sem dizer o quê, como se algo fosse perdido entre sua produção e sua leitura, assim como as imagens rupestres que assumem uma narrativa imaginária, experimental.

CÂMBIO_2014



HUMANEQUIM_2016

HUMANEQUIM

Os manequins se apresentam como a peça chave das vitrines, no entanto, nas feiras livres e comércios populares são encontrados ao ar livre, empilhados no passeio público.

Tais simulacros da figura humana (e suas partes) provoca uma empatia no passante, uma identificação carregada de sentidos que o impulsiona para o campo do sensível.

> "a verossimilhança do realismo possibilita a manifestação das fantasmagorias do imaginário", e assim como Eduardo Peñuela Canizal propõe, isto é, o que cada leitor cria ao ver uma encenação na qual se identifica – a imagem de seu "ideal imaginário".[SYLVIA DEMETRESCO, 2014]

Dessa forma o transeunte passa a envolver-se no cenário e recriá-lo com seu próprio mundo.

> A encenação só é produtiva porque tem o propósito de fazer com que a percepção cognitiva e a percepção sensível do observador se cruzem para criar uma identificação; essa é a razão de ser utilizado o simulacro do corpo humano para indicar, significar e traduzir modos do ser. [SYLVIA DEMETRESCO, 2014]

Esses bonecos, vendedores silenciosos, foram confeccionados para expor os produtos ao qual deseja-se vender. O capitalismo utiliza esse recurso o tempo inteiro, pois nessa sociedade de consumo, igualmente, o corpo resulta-se em mais uma mercadoria.

No entanto, os manequins apresentados neste trabalho estão em condições indesejadas. Somos projetados para esses corpos violentados e expostos no espaço público, na feira livre da cidade de Goiana/PE.

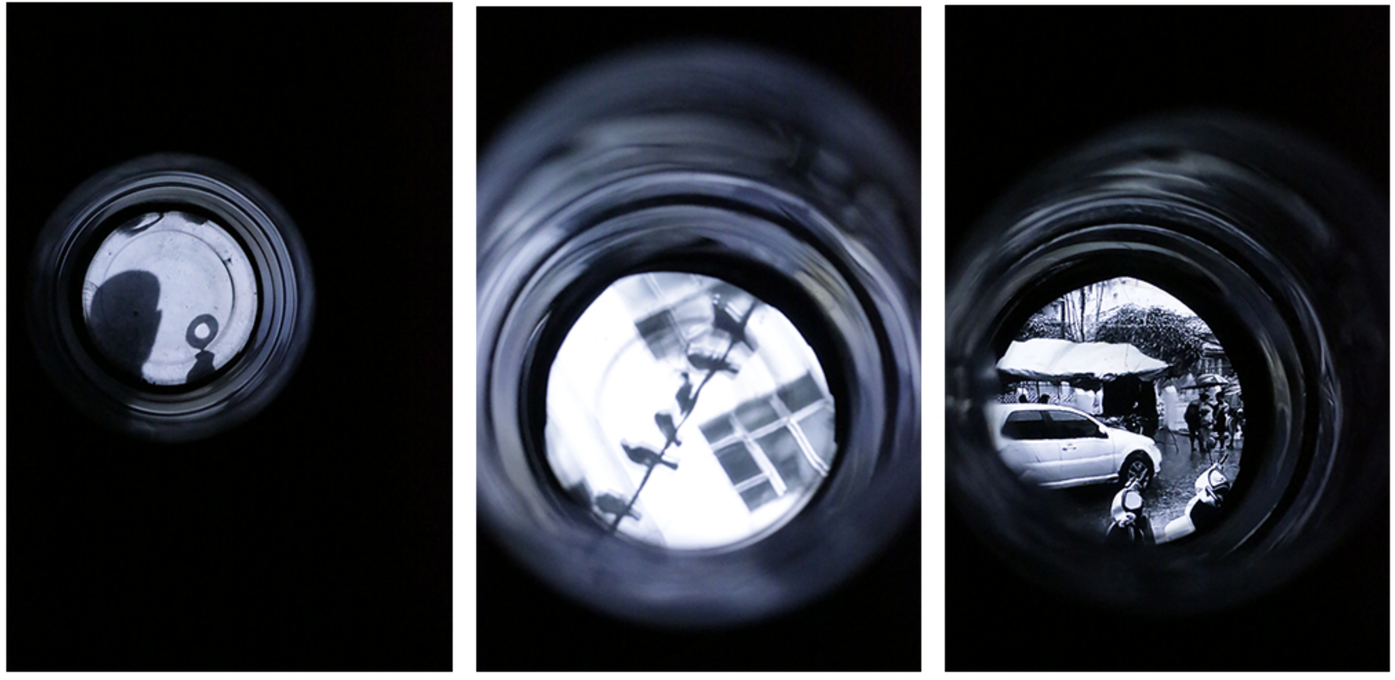
Dessa forma, o projeto fotográfico nos leva para esse ambiente de comércio do corpo, objetificação e coisificação do ser. Nos remetendo a um passado ao qual nesse território, humanos eram violentamente expostos e vendidos.

ANGÚSTIA_2017

ANGÚSTIA

Buracos são cavidades provocadas, volumes deslocados, falta. A sua estética é frequentemente incômoda, apresentam-se como indício de remoção, de perda. Por ser uma abertura, lugar de entrada, convida o observador a imaginar o mundo existente nesse caminho, acompanhado pela sensação de desconhecimento e mistério.

O desenho é um universo comprimido em linhas, seu uso está ligado a representação de algo visualmente mais complexo. Dessa forma, carrega uma relação estreita com a história humana, com a imaginação e com o tempo. Através do uso do desenho para a representação humana desejo motivar o observador a uma análise do ser numa camada muito elementar. Podendo provocar reflexões sobre a condição do sujeito. Sobre o comportamento empático. Sobre como as pessoas carregam "buracos", "dores", "fissuras" que não conseguimos enxergar na superfície do seu corpo modulado.



PRESENTE DO PASSADO_2018_VIDEOINSTALAÇÃO

PRESENTE DO PASSADO

É nessa plataforma simbólica da água que as imagens são projetadas, nos lançando para um ambiente amplamente distante, com o cheiro do onírico, na sala escura da lembrança, onde tomamos um antídoto para um lapso de esquecimento.

O vidro tem o poder da transparência. Se invisibiliza para dar notoriedade ao elemento ao qual acomoda, moldando sua forma aparente e adicionando reflexos.

Ao visualizar as imagens nesse elemento líquido de memória, instala-se uma tensão, uma fissura, um impacto, pois, as imagens retratam uma captura de movimentos do cotidiano. Essa apreensão nos lmpulsiona a esse limbo lugar do presente do passado.

DESTERRO_2018

DESTERRO

O políptico traz fragmentos de uma narrativa labiríntica, ambiente desconhecido no qual se chega banido. As imagens são repletas de placas e símbolos que não dizem nada, não informam, desorientam. A ausência humana cria uma atmosfera extraterrena, fantástica ao qual seres inanimados parecem ganhar vida e querer fugir da objetiva.

BRECHA_2018

BRECHA

A invisibilidade é amplamente visível.

INSULTO_2018 - IMAGEm APROPRIADA NO INSTAGRAN_#MARIELLEFRANCO

INSULTO

Num país onde as minorias são golpeadas cotidianamente, a sua existência é tratada como insulto, afronta provocativa ou conduta destruidora da moral e dignidade. Esse tratamento discriminatório emerge numa onda de ataques violentos a cada dia que se passa, seja nas ruas ou no dissimulado mundo das redes.

Esse trabalho gira em torno das constantes agressões aos grupos minoritários que se encontram em estado de vulnerabilidade, no enfrentamento contra regalias das classes dominantes e no incessante fortalecimento de suas identidades.

Arlindo Machado esclarece que a arte sempre foi produzida com os meios de seu tempo, assim como no interior dos seus modelos econômicos e institucionais. Desta forma, a estratégia utilizada para acalentar tal inquietação artística foi a Artemídia, na qual impulsionou a apropriação de imagens dispostas nas páginas virtuais das mídias livres, a fim de estruturar a base desse projeto. O formato das imagens é mensurado pela placa produzida em homenagem a Marielle Franco, duplamente assassinada.

"O que se evidencia no contexto da nossa modernidade mais recente é que a imagem afirma ser imagem de outra imagem" Anne Tronche. Partindo desse conceito o projeto se ancora não na realidade, mas nas reproduções da realidade. Nos conduz a uma reflexão sobre os abusos das classes dominantes, evidenciando que não se limitam diretamente aos grupos minoritários, nem as mídias alternativas que propagam suas vozes. Tais agressões alcançam a memória produzida pelos grupos de mulheres, negros, indígenas, LGBTQIA. Atingem ao imaginário simbólico que os fortalece e retroalimentam suas energias para a batalha da sobrevivência. Isso sim é um insulto!

INSULTO_2018 - IMAGENS APROPRIADAS DO MÍDIA NINJA_INSTAGRAN